

Mart'nália regrava
parceria com
Arthur Maia



PÁGINA 3

Cliques de Jens
Koch, um festival
à parte em Berlim



PÁGINAS 4 E 5

Documentário
'Dahomey' vence o
Urso de Ouro



PÁGINA 6

2º CADERNO

Por Gustavo Zeitel (Folhapress)

Gravações raras e inéditas de Nelson Freire, um dos maiores pianistas do século 20, estão sendo descobertas e publicadas agora pelo Instituto Piano Brasileiro. Os materiais ficaram espalhados em fitas de rolo, K7 e VHS e ocuparam diferentes acervos. Digitalizados em som e imagem, as gravações expõem facetas do artista antes desconhecidas pelos especialistas.

São centenas de horas de música, sendo disponibilizadas aos poucos no canal do instituto no Youtube. Entre as descobertas, se destacam as interpretações de "Petrushka", do russo Igor Stravinski - concebida em 1985 no Concertgebouw, de Amsterdã, na Holanda - e do "Concerto para Dois Pianos e Orquestra", do francês Francis Poulenc, em parceria com a pianista argentina Martha Argerich, numa apresentação dos anos 1990 na Place des Arts, em Montreal, no Canadá.

Na mesma década, Freire pareceu, em um vídeo, se entusiasmar pela música de vanguarda ao fazer uma primeira leitura de "Mobile", de Clodomiro Caspary. Nenhuma das peças está registrada na discografia do pianista, morto há três anos. Em seus discos, Freire se concentrou em registros de outros compositores, sobretudo Brahms, Villa-Lobos e Chopin.

"A pesquisa mostra que o repertório de Nelson era muito maior do que nós sabíamos pelas gravações", diz Alexandre Dias, o diretor do



Divulgação

Nelson Freire era um colecionador de si mesmo e mantinha um vasto arquivo reunindo seus trabalhos

Partituras abertas

Gravações raras de Nelson Freire expõem repertório inédito do mais renomado pianista brasileiro

instituto. Sua investigação se iniciou quando o músico ainda era vivo. Os dois se conheceram duas décadas atrás e criaram uma relação de confiança.

Em consequência, Freire autorizou o pesquisador a vasculhar o seu acervo. De acordo com Dias, o pianista era um colecionador de si e guardava todas as gravações.

Por isso, ele pôde desvendar momentos íntimos de Freire em ação. Por exemplo, quando tocou para a sua professora mais querida, Nise Obino, que se tornou uma musa inspiradora. Ou algo até mais raro, como o pianista, aos 15 anos, em seu quarto em Viena, na Áustria, tomando lições de Bruno Seidlhofer, com quem tinha uma relação turbulenta.

Com o tempo, a pesquisa do instituto se expandiu para um segundo acervo, do técnico de som Frank Justo Acker. Assim, Dias conseguiu mais novidades, além de constatar o aumento do repertório. Ele identificou um perfil camerístico na música do pianista, nunca atestada pela crítica. Nesse sentido, são exemplares as gravações de Freire, com dois violoncelistas de primeira linha, o brasileiro Antonio Meneses e o letão Misha Maisky.

Criado em 2015, por iniciativa de Dias, o Instituto Piano Brasileiro se dedica a resgatar e divulgar a obra de pianistas brasileiros, digitalizando acervos e os incluindo na internet. "Nelson tinha uma facilidade descomunal para apreender a música já na primeira leitura", afirma Dias. O próximo passo, ele afirma, é publicar uma gravação do "Concerto para piano nº 4", de Rachmaninoff.

Por causa de uma maré de azar, Nelson Freire, um dos maiores pianistas do século 20, perdeu o desejo de viver. Medroso, ele já andava devagar, passinho a passinho. Nem assim evitou as duas quedas que o vitimariam. Primeiro, em 2019, quando tropeçou no calçadão da praia da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Dois anos depois, escorregou na borda da piscina de sua casa, no Joá.

Nos acidentes, fraturou o braço direito e a mão esquerda, nesta ordem. Mesmo recuperado, com cirurgia e fisioterapia, concluiu que jamais atingiria novamente a transcendência musical que caracterizava as suas interpretações. Caiu em depressão.

Os últimos dias de sua vida são retratados como uma temporada no inferno na primeira biografia dedicada ao músico, “Nelson Freire: O Segredo do Piano”, escrita pelo jornalista francês Olivier Bellamy. O livro vem causando revolta no meio da música de concerto por expor detalhes da intimidade do artista e sugerir que a causa de sua morte, segundo a família uma concussão cerebral provocada por uma queda, foi suicídio.

“Nunca imaginei uma biografia desse jeito. É um monte de fofocas, o autor nem fala da arte dele”, diz Gloria Guerra, amiga e empresária do pianista. “O autor parece não ter escrúpulos. Se esse senhor quis causar polêmica, conseguiu. Isso é imprensa marrom. Nelson ficaria deprimido”, afirma Roberto Tibiriçá, maestro que o conhecia desde os 12 anos.

Especializado em música de concerto, Bellamy apresentou, por uma década, um programa na “Radio Classique”, na França, e atualmente escreve para revistas especializadas. Foi um dos poucos que conseguiu entrevistar Freire, adquirindo certa aproximação com ele. Em vida, o músico negou o pedido do jornalista para a biografia. Para ele, a comunicação se articulava entre o som e o silêncio.

Ao piano, Freire era o anjo anunciador da “Melodia de Orfeu”, o famoso bis retirado da ópera barroca do compositor alemão Gluck.



Divulgação

Biografia do pianista revolta família e amigos

Longe dele, o silêncio chamava a atenção para o seu semblante, igualmente angelical em razão das bochechas rosadas e dos longos cílios.

Não é exagero dizer que o público, até agora, não sabia quem era Nelson Freire, o homem. “É impossível escrever uma biografia sem entrar na intimidade do personagem”, diz Bellamy.

Além das quedas, a biografia enumera outros motivos para a depressão do músico, entre eles o isolamento social imposto pela pandemia. Foi nesse contexto que, segundo o livro, Freire começou a dizer que desejava morrer ao marido, Miguel Rosário e ao assistente,

João Bosco Padilha.

Melhor amiga de Freire, considerada uma das maiores pianistas de todos os tempos, a argentina Martha Argerich cancelou seus compromissos na Europa para passar alguns dias na casa do Joá. Ela perderia o amigo pouco tempo depois de ir embora. Na madrugada de 1º de novembro de 2021, Freire morreu.

Em seu livro, Bellamy, um católico fervoroso, recorre a alegorias religiosas para descrever o suposto momento do suicídio. Em seguida, porém, volta atrás na afirmação. “Como ele morreu? Só Deus sabe. Para nós, pobres mortais, somente os fatos têm valor de verdade.”

Biografia escrita pelo francês Olivier Bellamy expõe detalhes da intimidade de Freire e causa indignação de pessoas próximas ao pianista

Divulgação



Também ao falar à reportagem o autor se contradiz. “Não é preciso escrever a palavra ‘suicídio’, porque a gente compreende o que se passou lendo”, afirma.

Outras passagens que incomodaram pessoas do círculo social do instrumentista se devem ao escrutínio que o biógrafo faz de sua vida íntima. O biógrafo afirma que a riqueza de detalhes se deve à estima depositada nele por pessoas próximas a Freire. “As pessoas confiaram em mim e não tiveram reservas quando deram seus depoimentos. Eu não as traí nem traí Nelson, mas

compreendo que estejam chocados”, diz. “Freire era um homem de musas.”

É verdade que Freire deve a uma série de mulheres a formação de seu gênio musical. Era um devoto de Guiomar Novaes, de quem tomou muitas lições. Quando, ainda criança, se mudou com a família para Ipanema, passou a ter adoração por Nise Obino, a professora de piano.

Longe dela, ao ganhar uma bolsa para estudar em Viena, ficou triste. Odiou a rigidez do novo mentor, Bruno Seidllhofer. Mas foi na capital austríaca que conheceu, ainda adolescente, Argerich, sua musa definitiva. Por ironia, tinham personalidades bem distintas. O brasileiro era hipersensível, e a argentina, arisca.

No que se refere ao seu estilo, a melhor definição está no livro de Bellamy. Certa vez, diz o texto, o pianista russo Nikolai Luganski disse que Freire tocava como se sua mão não tivesse ossos, tamanha delicadeza e maciez com que seus dedos atacavam as teclas.

Foi dominando um repertório muito particular que Freire se apresentou nos principais palcos do mundo, ao lado da Filarmônica de Berlim, das sinfônicas de Viena e Londres e até com a Gewandhaus, da Alemanha.

Vivendo entre Paris e Rio, ele se tornou uma referência. Mas só foi reconhecido como uma estrela nos anos 2000, quando passou a gravar com a Decca. Do período, surgiram os discos “Brahms: The Piano Concertos”, de 2005, e “Brasileiro: Villa-Lobos & Friends”, de 2012.

Bellamy descreve os encontros no Joá e as visitas que fez a Freire na casinha do pianista na rue Chaillot, vizinha a um outro imóvel de Argerich, em Paris. Nessas ocasiões, ele conta, o músico ficava mais relaxado. Contava piadas e adorava assistir a filmes junto com os amigos.

Cristian Budu, considerado o sucessor do músico, também esteve com Freire na capital francesa no fim da vida. “Ele tinha um jeito muito mineiro. Por isso, me ensinou a buscar uma intimidade com a música”, diz ele. “Só assim a melodia se transforma numa poesia sem palavras.”

Uma saudação ao inesquecível Arthur Maia

Mart'nália homenageia o saudoso baixista e produtor em single que dá nova versão à sua primeira parceria com o músico

Com distribuição do selo Biscoito Fino, Mart'nália acaba de lançar nas plataformas digitais um single com uma nova versão para "Nova Era", canção de Arthur Maia (1962-2018), que havia sido originalmente lançada em 1987, no álbum de estreia da cantora e compositora.

"Eu amo essa canção do Arthur Maia. Foi com ela que, pela primeira vez, me mostrei como compo-

sitora, além de Arthur ter aguçado meu lado de cantora. Eu refiz algumas partes da letra, mas não assinei. Agora, nessa gravação, tive a oportunidade de chegar junto da música e fazer uma homenagem a ele", conta a artista, que resgatou uma foto de infância para ilustrar a capa do single.

Exímio baixista, compositor e produtor, Arthur Maia participou de vários projetos de Mart'nália ao longo dos anos, tendo produzido



Acervo Pessoal

Foto de Mart'nália aos 7 anos no banco da Escola Municipal Leitão da Cunha, na Tijuca, ilustra a capa do single

os álbuns "+ Misturado" (2017) e "Mart'nália Canta Vinicius de Moraes" (2019).

A nova e suingada versão de "Nova Era" - um banho de alto astral - foi gravada no estúdio da Biscoito Fino, com produção do pianista e compositor Luiz Otávio (que toca teclados na faixa) e pela

própria artista.

A letra otimista aponta para um futuro de maior elevação da humanidade e a gravação reúne os músicos Humberto Mirabelli (violão e guitarra), Michael Pipoquinha (baixo), Felipe Martins (bateria) e Macaco Branco (percussão).

Além de trazer de volta uma

canção repleta de significados para Mart'nália, o single de "Nova Era" é uma celebração da artista ao parceiro de tantas histórias. "O que eu quero, na verdade, é deixar o nome do Arthur sempre pulsando, por ser ele um dos responsáveis por eu ficar à vontade ao cantar", explica.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Uma aposta no pop

Radicado em Barcelona (Espanha), o cantor e compositor Lucas Adon acaba de lançar seu mais recente single, "Periga". A faixa está disponível em todas as plataformas digitais e vem acompanhada por um filme animado por Pamela Munhoz e disponível no YouTube. "Ao longo dos anos, decidi lançar meu trabalho solo, mais voltado ao pop rock brasileiro", conta o artista tem explorado ainda sonoridades que vai encontrando na troca de experiência com músicos de várias partes do mundo.

Carol Tavares/Divulgação



Muller Cândido/Divulgação



Hora de livramento

A cantora e compositora capixaba Alinne Garruth faz de sua nova canção uma celebração do adeus, uma comemoração de se livrar de alguém que não merecia estar ao seu lado. O samba "Advogada", disponível somente no YouTube e redes sociais, tem a ver com o momento de fim de Carnaval. A cantora transforma em crônica urbana a separação de um casal já feliz em se ver pelas costas. "Essa música surgiu a partir de uma situação de livramento que eu tive. Sabe aquela 'pessoa tóxica' pra si mesma e pros outros, que só te julga, te expõe e te põe pra baixo? É sobre isso", conta.

Divulgação



Em colaboração

Depois de ganhar um Grammy de Melhor Álbum de Música Urbana, com "Mañana Será Bonito", Karol G mantém o ímpeto criativo em seu mais recente single, "Contigo". A faixa traz uma parceria entre a artista colombiana e o DJ holandês Tiësto e inclui um sample do hit "Bleeding Love", de Leona Lewis, misturado a uma fusão pop-sintetizadora. A letra sublinha a importância de celebrar o amor em todas as suas formas. Karol G se apresenta, pela primeira vez no Brasil, no dia 10 de maio, no Centro Esportivo Tietê, em São Paulo.

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Animação explora a relação das mulheres com o mar

Animação brasileira vence prêmio internacional de curtas

A animação “Damas do Mar”, do brasileiro Marcus Veras de Faria, foi anunciado como vencedor da categoria “Best Brazilian Animated Short 2024” no Folkestone Independent Film Awards deste ano. A notícia foi anunciada nas redes sociais pela compositora, pianista e regente Monique Aragão, criadora de “Voo Noturno”, canção da

obra premiada. O curta, conta Veras, inspira-se em verso de um poema de Leila Diniz (1947-1972). “É uma celebração da ligação mítica entre as mulheres e o oceano. A trilha composta e interpretada por Monique Aragão é o fio condutor que une todas as deusas deste Olimpo à beira-mar”, descreve o animador e jornalista.

Continuidade

A HBO renovou a série “True Detective” para a quinta temporada. A emissora confirmou a nova leva de episódios e garantiu o retorno de Issa López, produtora que assumiu o comando da produção no lugar de Nic Pizzolatto.

Pré-venda

A Elo anunciou a data da pré-venda exclusiva para o Coala Festival, que se realiza de 6 a 8 de setembro. Clientes do cartão podem comprar até seis ingressos por CPF a partir desta segunda-feira (26) no site oficial do evento.

Descontinuidade

Diretor de “Cangaço Novo”, Aly Muritiba não fará parte da segunda leva de episódios da série da Amazon Prime. Em suas redes sociais, ele revelou ter compromissos profissionais assumidos antes da definição da renovação da série.

Derrotado

Sikêra Jr perdeu uma ação judicial que movia contra José Eduardo, o Bocão, apresentador do programa Balanço Geral Bahia (Record). Em 2020, Bocão criticou Sikêra por propagar negacionismo contra a Covid-19 no auge da pandemia.



Adam Sandler



Abderrahmane Sissako



Lupita Nyong'O

O clique do Urso

Jens Koch vira grife da fotografia de celebridades, ao retratar concorrentes, júri e o céu de estrelas presentes na 74ª edição do Festival de Berlim

Por **Rodrigo Fonseca** | Especial para o Correio da Manhã

Cada dia que o público – o alemão e o de outros países – passava pelo Berlinale Palast, nos dias do festival mais famoso da Alemanha, realizado em sua capital, uma galeria de fotografia era armada nas paredes do espaço com cliques nada convencionais de celebridades como Gael García Bernal, Isabelle Huppert, Bérénice Bejo, Adam Sandler e o favorito ao Oscar de Melhor Ator de 2024, o irlandês Cillian Murphy.

O astro de “Oppenheimer”, que abriu a maratona germânica à frente de “Small Things Like These”, foi fotografado fazendo um gesto inusitado com a mão.

Já Martin Scorsese, ganhador do Urso de Ouro Honorário, fez uma careta engraçada para a câmara.

Nas imagens do júri, Lupita

Nyong'o, estrela oscarizada por “12 Anos de Escravidão” (2013), saiu austera. A beleza que se encontra nessas fotos é resultado da depuração estética de Jens Koch, um alemão de 42 anos que virou o retratista oficial da Berlinale quando a equipe curatorial de Mariette Rissenbeek e Carlo Chatrian, assumiu, há quatro edições.

A curadoria muda a partir de 2025, mas Koch tem tudo para ficar. Afinal, cada vez que o festival berlinense chega ao fim, a pergunta mais repetida por jornalistas e convidadas/os é: que

Fotos/Jens Koch/Divulgação Berlineale



Amanda Seyfried



Martin Scorsese



Isabelle Huppert



Tsai Ming-Liang



Rooney Mara



Cillian Murphy



Jens Koch

fim terão os estonteantes retratos das celebridades que passaram pela disputa oficial, pelo júri ou por mostras paralelas?

“A chave desse trabalho é saber enquadrar atitudes, não rostos. Existe um instante em que a pessoa se solta e te oferece o ângulo exato, numa posição inesperada. A foto vem daí”, disse Jens, ao Correio da Manhã, num papo anterior à 74ª edição da Berlineale começar.

Sua dinâmica de trabalho: correria pura. Ele espera os convidados mais esperados do

festival se posicionarem no Hotel Hyatt, que fica ao lado da Berlineale Palast, convida cada um para um pequeninho estúdio improvisado numa das alas da luxuosa hospedaria. Lá, tem minutos para estruturar a luz precisa, ajeitar o obturador de sua câmera e clicar, contando com a disposição de cineastas veteranos, como o mauritano Abderrahmane Sissako e o francês Olivier Assayas, ou talentos de novas gerações, como a franco-senegalesa Mati Diop ou a italiana Margherita Vicario. Na

seqüência, as imagens que são enviadas para tratamento de cor e para impressão, em forma de painéis gigantes.

“Quando eu tinha uns 16 anos, eu entrei de penetra no tapete vermelho de Berlim, todo abusado, a fim de conseguir umas fotos, e vi George Clooney e Leonardo DiCaprio passando ali. Na seqüência, virei fotojornalista, totalmente na prática, sem curso, e sem ambições de um dia trabalhar com cinema. Há quatro anos, entrei nesse cargo da Berlineale, sem qualquer olhar prévio acerca da luz ou de enqua-

dramento, atento apenas à boa sorte que a iluminação pode me trazer num instante, num acaso”, disse Koch, que não tem tempo de conferir os longas das estrelas e cineastas que retrata. “O tempo é cronometrado aqui, no corre-corre, e eu gosto de me entregar com calma e respeito ao que vou assistir no cinema. Em algum momento, eu consigo ver tudo”.

Em seu histórico de trabalho, Jens tem uma história de fazer inveja às narrativas que brigam pelo Urso de Ouro: em 2010, ele e um colega jornalista, Marcus Hellwig,

passaram quatro meses presos no Irã, sob ameaça de uma pena maior, por terem entrado naquele país com o visto de turista e não o de repórter, para fazerem uma entrevista que não desceu bem nas autoridades iranianas. Mas eles acabaram sendo soltos.

“Falo desse episódio com calma agora, mas foi um pesadelo à época”, diz o fotógrafo, que arrancou poses despojadas de artistas militantes nas causas humanistas, como Lena Dunham e Stephen Fry, consagrando-se como um ás do clique.

Urso de Ouro anticolonialista

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sob as bênçãos dos orixás, “Dahomey”, um documentário de 68 minutos feito entre o Benin, o Senegal e a França, pela atriz e cineasta Mati Diop, conquistou o Urso de Ouro, de 2024, no sábado, em meio à comemoração do cinema brasileiro pela vitória da cineasta paulista Juliana Rojas. No desfecho da 74ª Berlinale, a realizadora de “O Duplo” ganhou o prêmio de Melhor Direção da mostra paralela Encontros, por “Cidade; Campo”.

A cerimônia encerra a gestão da equipe curatorial de Mariette Rissenbeek e Carlo Chatrian, que dão lugar a uma nova direção artística, a ser comandada por Tricia Tuttle. Coube à atriz queniana Lupita Nyong'o guiar o júri da competição oficial, em conversas com um time formado pela diretora Ann Hui (Hong Kong/ China), o ator e realizador Brady Corbet (EUA), o cineasta Albert Serra (Espanha), a atriz e realizadora Jasmine Trinca (Itália) e a poeta Oksana Zabuzhko (Ucrânia). Esse coletivo saudou a invenção latino-americana ao premiar o originalíssimo experimento colombiano “Pepe”, ao dar o Urso de Prata a seu realizador, Nelson Carlos De Los Santos Arias. Mas o apogeu da festa foi a vitória de Mati, que coroa uma das safras mais diversas que países africanos já tiveram no Festival de Berlim. “Meu empenho com ‘Dahomey’ é expor as ramificações do colonialismo e apontar onde a violência é praticada”, disse Mati ao Correio da Manhã.

Laureada em 2019 com o Grande Prêmio do Júri de Cannes de 2019 por “Atlantique” (lançado no Brasil via Netflix), Mati dá uma



Divulgação

O filme trata da devolução de tesouros reais do antigo Reino do Daomé ao Benin

Divulgação



O filme trata da devolução de tesouros reais do antigo Reino do Daomé ao Benin

aula de geopolítica em “Dahomey”, trilhando caminhos de fantasia. Seu roteiro é estruturado como a cartografia do tráfego de uma série de relíquias beninenses, surrupiadas por colonizadores europeus, de volta ao lar. Uma dessas peças, uma estátua chamada de Número 26, é quem narra a rapinagem histórica sofrida por populações da África, como se fosse uma entidade.

“É preciso restituir para reconstruir”, disse Mati, ao falar do papel estratégico de sua narrativa.

É estratégica também a dimensão ética (e estética) de “Cidade; Campo” no apagamento das feri-

das conservadoras deixadas pelo governo Bolsonaro. Classificado pela imprensa do velho Mundo como “triagem de perseveranças femininas pilotada”, o longa de Juliana Rojas é apoiado numa atuação coruscante de Bruna Lynzmeyer, Mirella Façanh e Fernanda Viana. É uma trama bifurcada: de um lado, uma mulher migra para São Paulo; do outro, um casal se muda para uma área rural. A mostra na qual ela foi laureada – Encontros – teve como vencedor “Direct Action”, de Guillaume Cailleau e Ben Russell. É um .doc sobre ativistas na França. “Fazer esse filme uma das

experiências mais desafiadoras da minha vida”, disse Juliana, antes de agradecer uma de suas produtoras, Sara Silveira, pela coragem.

Representado em várias seções do evento, além de “Cidade; Campo”, o Brasil ganhou a menção especial da Mostra Generation para um curta-metragem vindo das Gerais: “Lapso”, de Caroline Cavalcanti. Em sua trama, adolescentes egressos da periferia de Belo Horizonte (MG), acusados de vandalismo, cumprem medidas socioeducativas a partir das quais passam a compartilhar afetos e incerteza diante da dureza dos dias, da repressão e do esquecimento do sistema. O evento coroou com o Prêmio da Crítica uma trama multinacional que se passa em terras brasileiras e tem Kleber Mendonça Filho e Emilie Lesclaux (de “O Som ao Redor”) como coprodutores: “Dormir De Olhos Abertos”, de Nele Wohlatz, exibida na seleção Encounters.

Encerrada a agitação berlinense, o cinema volta suas atenções para o Festival de Cannes, que abre suas alas no dia 15 de maio, na França, possivelmente com “Furiosa”, de George Miller.

OS PREMIADOS

URSO DE OURO: “Dahomey”, de Mati Diop

GRANDE PRÊMIO DO JÚRI: “A Traveler’s Needs”, de Hong Sangsoo

PRÊMIO DO JÚRI: “L’Empire”, de Bruno Dumont

MELHOR DOCUMENTÁRIO: “No Other Land”, de Basel Adra, Hamdan Ballal, Yuval Abraham e Rachel Szor (Palestina), com menção especial para “Direct Action”, de Guillaume Cailleau, e Ben Russell

PRÊMIO ENCOUNTERS: “Direct Action”, de Guillaume Cailleau e Ben Russell

PRÊMIO ENCOUNTERS DE MELHOR DIREÇÃO: Juliana Rojas (“Cidade; Campo”)

CURTA-METRAGEM: “Un Movimiento Extraño”, de Francisco Lezama

PRÊMIO ESPECIAL DE CURTA: “Remains of a Hot Day”, de Wenqian Zhang

DIREÇÃO: Nelson Carlos De Los Santos Arias (“Pepe”)

MELHOR INTERPRETAÇÃO EM PAPEL PRINCIPAL: Sebastian Stan (“A Different Man”)

MELHOR INTERPRETAÇÃO EM PAPEL COADJUVANTE: Emily Watson (“Small Things Like These”)

ROTEIRO: Matthias Glasner (por “Dying”)

CONTRIBUIÇÃO ARTÍSTICA: Martin Gschlacht, pela fotografia de “The Devil’s Bath”

MELHOR FILME DE ESTREIA: “Cu Li Never Cries”, de Pham Ngoc Lan

PRÊMIO DA ANISTIA INTERNACIONAL: “The Stranger’s Case”, de Brandt Andersen

PRÊMIO DA CRÍTICA: “My Favourite Cake”

TEDDY: “All Shall be Well”, de Ray Yeung

PRÊMIO DO JÚRI ECUMÊNICO: “My Favourite Cake”

JÚRI POPULAR: “Memorias De Un Cuerpo Que Arde”, de Antonella Sudasassi Furniss (Costa Rica) e “No Other Land”

CRÍTICA / LIVROS

Tudo por um hater

Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

Umberto Eco previu que a Internet daria voz a multidões de estúpidos. Um típico artigo publicado para provocar polémica listou “autores superestimados” em redes sociais de uma agência de comunicação canadense. A relação compilou críticas desfavoráveis de especialistas em literaturas e blogueiros, que coloca ao lado a lado escritores de clássicos, de best-sellers e fenômenos editoriais, chamando de inconsistente a obra de Hemingway (‘pessoa monumental, mas sem grande força literária’), e revelando que Marcel Proust pagava jornalistas para publicarem boas resenhas sobre “seus livros de longuíssimas frases, uma delas com quase 1000 palavras”.

A inconsistência da maioria das observações não chega sequer ao massacre que sofrem Ronald Dahl ou Monteiro Lobato, por expressarem, segundo seus detratores, discursos de ódio machistas e racistas, poupados do tal post. A argumentação é tão rasteira que classifica Stendhal de “um daqueles autores que todo mundo se jacta de ter lido, quando ninguém realmente leu. Alguém consegue se lembrar da história de ‘O vermelho e o negro’?”. A lista traz, entre tantos escritores de diferentes segmentos, E.L. James, a autora de 50 tons de cinza, cuja obra tem a mesma relevância das fotonovelas nas décadas de 1960 e 1970.

O defeito de Gabriel Garcia Marquez, diz a lista, é repetir nomes de personagens em Cem anos de solidão, confundindo os leitores. O livro que revolucionou o mercado editorial mundial, trazendo um novo olhar dos eurocêntricos para a produção literária da América Latina,

é avaliado apenas e somente pela repetição onomástica, escolha bastante comum na humanida-

de, não apenas entre os latino-americanos.

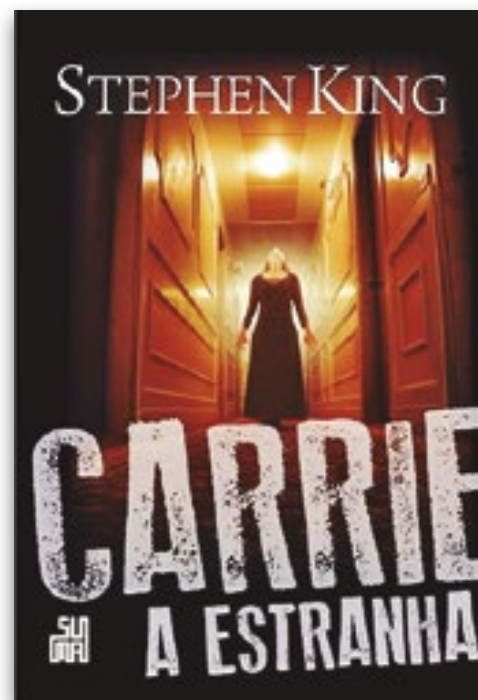
Outra denúncia, mais do que

conhecida por leitores desde o século XIX, é que a imensa obra de Alexandre Dumas foi escrita

por ghost writers. Empregando redatores aos quais passava a base dos enredos, Dumas mantinha a mesma estrutura de escritores de telenovelas brasileiras e dos autores de best-sellers, como James Patterson, que integra a lista por haver escrito mais de 200 livros com grupos de colaboradores. Há ainda a revolta por Stephen King atribuir poderes mágicos ao sangue menstrual (a fonte é uma tese sobre Carrie, a Estranha, adolescente que desperta sua força magnética depois da primeira menstruação), enquanto chovem atribuições de misoginia a Kurt Vonnegut Jr e a George R.R. Martin.

Além do falso esquecimento da obra de Stendhal (desdenhar de O vermelho e o negro é tão absurdo que não merece comentário) existe uma leitura errada das críticas pinçadas. J.D. Salinger estaria ultrapassado segundo a pela superficial referência a um artigo de Ron Charles, crítico literário do Washington Post. Charles diz que o jovem Holden Caulfield não corresponde aos personagens adolescentes da atualidade, pois hoje os protagonistas de romances teen - como O apanhador no campo de centeio foi classificado, no lançamento, em 1951 - não se limitam a rapazes brancos heterossexuais. O crítico acredita que a reclusão de Salinger, que não dava entrevistas, nem era visto em público, prejudicaria a venda de seus livros, pois atualmente um escritor precisa ser presente em redes sociais. São observações sobre a época, mais do que a respeito da qualidade do romance.

Do alto de mais de 350 milhões de exemplares de seus livros vendidos no mundo inteiro, Paulo Coelho comentou estar em excelente companhia na lista. Até quem não faz parte de seus milhares de admiradores concorda. Polémica sempre vendeu jornal. Agora, atrai seguidores. Ou haters.



Divulgação

CRÍTICA / RESTAURANTE / CHURRASCARIA PALACE

Fábio Rossi/Divulgação

A rainha do rodízio

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Quando criança bem pequena, pedia para ir à “chuviscaria”. E sempre comi a mesma coisa nas churrascarias: maminha mal passada, batata prussiana, brocolis ao alho e óleo, farofa na manteiga. Até que um dia, cruzei o fosso da mesmice e cheguei à Palace. E lá só três coisas são permanentes: as ostras, o presunto cru e os queijos, pois as novidades são muitas.

E as carnes? Muita calma nessa hora. O bufê é uma algaravia de pratos: frios, queijos, palmitos enooormes, alcachofra, frutos do

mar, feijoadada, massas... E os petiscos: o perfeito pastel de catupiry. O pão de alho, as linguiças. A seleção é assinada pelo chef Honório Oliveira, com ingredientes nacionais e de pequenos produtores, prestigiando e dando crédito aos responsáveis pelos insumos utilizados.

O melhor é o “deixa a vida me levar” e seguir o guia de degustação da churrascaria, com sugestões de bebidas e da ordem dos cortes. E as indicações foram jóias raras. O porco preto brazuca, raro de se encontrar, é tão ou mais saboroso que o original ibérico, alentejano. O timo bovino é mais uma raridade, conhecida como molleja na Argentina. O corte é



Picanha Borboleta, um das boas novidades da casa

extremamente saboroso, servido especialmente com um limão.

A ousadia que nos permitiu

comer sem medo de ser feliz nos levou ao chorizo, o embutido feito

de sangue, bem assado e com

ótimo sabor. A criação própria de corte, chamado Picanha Borboleta, que consiste na peça de carne aberta ao meio, com gordura nas duas bordas, acentuando o sabor e lembrando uma borboleta com as asas estendidas. Tudo é servido com total profissionalismo e gentileza.

Em homenagem aos grandes artistas brasileiros, as sobremesas foram Quindim a Vinicius de Moraes, porque vem com um shot de uísque e Romeu e Julieta da Elizeth Cardoso, sorvete de gorgonzola com creme de goiabada. Depois de tantas coisas de maior qualidade, saímos pela Praia de Copacabana, cantando: Eu sei que vou te amar, por toda a minha vida”...

SERVIÇO

CHURRASCARIA DA PALACE
Rua Rodolfo Dantas, 16 – Copacabana. De segunda a domingo (12h às 0h)
R\$ 225 (por pessoa).

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Samanta Toledo/Divulgação



Petit Déjeuner no Éclair

Millena Sá, do Éclair Cafeteria e Bistrô, no Barra Shopping, é uma chefe de mãos cheias. Em sua casa, cozinha francesa de primeira, agora café da manhã. O brioche, macio, ou croissant, folhado, ambos selados na manteiga, podem ser acompanhados de ovos, manteiga trufada, geléia de frutas vermelhas. Há também o Marlon Avocado Toast feito com ovo, bacon, abacate, azeite e pistache; e o O Lucien Toast (preparado com parma, ricota, tomate, rúcula e molho pesto. Acompanham o espresso com calda de chocolate/caramelo ou o affogato, sorvete de baunilha.

Ao gosto do cliente

A chef Natasha Lund, formada pelo Le Cordon Bleu, passou por hotéis e restaurantes no Brasil e nos Estados Unidos, desenvolve cardápios com fusão culinária nacional e internacional para restaurantes e residências. Do nhoque de bobó de camarão, prato que conquistou o coração do marido, até os pratos de botequim, tudo é certo. O Croquete Traçado - patê de fígado, jiló, linguiça fina defumada e muçarela e o Corn Dog Choripan, criado para Os Imortais, une com equilíbrio e sabor as cozinhas americana, argentina e tailandesa. @natashaleelund.

Divulgação



Tomás Vélez/Divulgação



Menu repaginado

Reduto de peixes e frutos do mar, o Escama apresenta novo menu e carta de drinks repaginada. Para começar, o Arancini de lula com aji amarillo e Pastel de cavaca com molhos cítrico e wasabi. A seleção de Crudos, ingredientes frescos e sabores marcantes, tem snack de nori de atum e salmão selvagem; atum avocado (tartare com caviar Mujol; ussuzukuri de peixe do dia com ponzu do chef; tiradito (de peixe do dia com salsa manga e camarão; e mostarda e mel em peixe do dia. A carta de drinks traz refrescantes criações de Filipe Penno.